

À descoberta da estela do Guerreiro

Rui Manuel Gaspar Cortes Guerreiro
rui.cortes@cm-almodovar.pt
rmcortes@sapo.pt

RESUMO

O estudo apresentado corresponde, fundamentalmente, a uma avaliação sobre o desenho da estela da Abóboda I, conhecida como estela do Guerreiro. Pretendi fazer uma análise sobre o centro geométrico, outros possíveis centros e o seu carácter simbólico, bem como a distribuição no espaço de toda a composição. No entanto, acabei por fazer algumas considerações sobre todo o possível percurso de execução da estela, a que chamei enquadramento e processo de concepção.

Descrevo todo o processo de averiguações, nomeadamente através de consulta bibliográfica, medições, interpretações, e análise/sugestões de simbolismos. Aqui residiu a base do meu estudo, materializado no ponto “análise crítica: estela” e no qual foquei as atenções no poster que apresentei.

Efectivamente podemos comprovar a existência de um projecto, que obedece a um conjunto de parâmetros claramente tidos em conta, atendendo a uma centralidade, simetria, e mesmo a relações simbólicas.

ABSTRACT

The presented study corresponds, basically, to an evaluation about the drawing of the stele of the Vault I, known as the stele of the Warrior. I intended to do an analysis about the geometrical centre, other possible centers and its symbolic character, as well as the distribution in space of the whole composition. Nevertheless, I ended up doing some considerations about the whole possible way of the execution of the stele, to which I called framing and conception process.

I describe the whole process of investigations, namely through the bibliographical consultation, measurements, interpretations and analysis/suggestions of symbolisms. Here stood the basis of my study, materialized in the point “critical analysis: stele”, on which I focused my attention to the poster I presented.

Effectively we can prove the existence of a project, which obeys to a set of parameters, clearly taken into account, regarding a centrality, symmetry and even symbolic relations.

INTRODUÇÃO / ENQUADRAMENTO

Neste trabalho pretendo analisar pormenorizadamente a estela da Abóboda I, conhecida como estela do Guerreiro, por exibir um guerreiro estilizado. Tentarei debruçar-me em

particular na percepção se existe um cento ou vários centros. Outras interrogações se levantam: quem fez? Era um artista? O que pretendeu? Que simbolismo?

A “estela do Guerreiro” foi descoberta em 1972, na propriedade da Abóboda (Almodôvar), e contém Escrita do Sudoeste associada à referida imagem do guerreiro, o que lhe dá cariz de especial atenção. Estas inscrições com cerca de 2500 anos, revelam a escrita mais antiga da Península

Ibérica, que se encontra indecifrável, suscitam curiosidade e controvérsias, sendo que a estela em apreço pela sua peculiaridade e sentido estético é das mais conhecidas e espetaculares, o que me levou a tentar desvendá-la.

LOCALIZAÇÃO

A estela do Guerreiro encontra-se num território em que foram efectuados muitos achados com esta tipologia, correspondendo ao núcleo que aparece ao longo do Rio Mira, quer no concelho de Almodôvar quer no de Ourique.

O território “central” interior, que abrange os Concelhos de Ourique, Almodôvar, Loulé e Silves, equivale à zona de

maior concentração de achados de estelas, nomeadamente nos núcleos do Caldeirão e das Bacias do Mira e do Sado.

O local de descoberta na altura correspondia à Freguesia de Gomes Aires e actualmente à Freguesia de A. dos Fernandes, Concelho de Almodôvar, Distrito de Beja.

PROCESSO DE CONCEPÇÃO

Terá existido um projecto, desde o inicio, para a execução da estela?

A zona serrana e de planície desta área específica é constituída por realidades geológicas de xisto. Como o xisto é muito fracturante, os mestres do talhe da pedra e epigrafistas tinham de escolher muito bem as pedreiras onde recolhiam a pedra para efectuar estas lápides que se criam duradouras, para a eternidade. Assim, esta selecção seria meticulosa, testando-se a resistência do suporte adoptado para a epigrafia.

Junto ao Rio Mira existem afloramentos com alguma resistência, terá sido por perto que obtiveram a matéria-prima para a execução da estela.

Muitas vezes, certamente, não havia um trabalho exaustivo de talhe, aproveitava-se o corte natural do xisto, resultando pedras com formas meio irregulares, mas lisas na superfície.

No caso da estela estudada, a situação não corresponde a totalmente a esta descrição, pois a pedra depois de escolhida terá sido alvo de um talhe muito cuidado. A pedra é resistente e foi trabalhada desde o princípio para resultar numa obra peculiar. O canteiro obteve um suporte rectangular com os cantos afeiçoados na parte superior, e laterais afeiçoadas. A base, não epigrafada, para enterrar, com vista a dar verticalidade ao monumento, foi menos regularizada na base, o que é compreensível, embora não descuidada.

Não se sabe se quem extraiu a pedra e a preparou foi a mesma pessoa que projectou, epigrafou e desenhou. Podiam ser trabalhos autónomos. Por exemplo, mais tarde, com os romanos estas tarefas podiam e eram muitas vezes diferenciadas, envolvendo mais que uma pessoa.

Tudo indica que existiu uma atenção muito particular em relação a todas as fases. Podemos verificar nos inúmeros casos que nem sempre foi assim. Neste caso, para além da escrita, presenciamos o acrescentar de uma representação de uma figura humana, o que é pouco comum neste período. A estela de Benaciate contém um cavaleiro, mas não era regra, pelo contrário.

Depois do trabalho de cantaria, havia que materializar esta obra para uma homenagem, para a eternidade. Terá sido desenhado tudo directamente, sem um projecto prévio? Parece-me que não. Tudo indica que está bem estruturada e organizada. Se existiu um projecto, como foi materializado? Talvez depois de projectado tenha sido delineado e marcado superficialmente e depois sim, por abrasão, gravado na pedra. A fase de gravação pode ter sido feita pelo epigrafista ou não, eventualmente pelo canteiro que trabalhou a peça. Ambas as hipóteses são de considerar.

Quem era o Guerreiro?

Figura estilizada, muito simples no traço, ostenta armas (lanças/ dardos), uma armadura (couraça de protecção), talvez de cabedal com tiras de reforço, usaria cabelo comprido, atestado pela trança (traço). No lado direito para além da lança, são representados objectos de difícil interpretação.

Se imaginarmos o contexto, há 2500 anos, em que a escrita estaria pouco difundida, poucos a saberiam fazer e interpretar, só alguém com um estatuto hierárquico superior podia almejar obter este privilégio de marcar a sua importância no caminho para a eternidade, para a outra vida. Será um chefe.

Era aquele guerreiro ou um guerreiro abstracto, aquele como podia ser outro. Acho que aquele, claro está, enaltecido, foi para ele que a imagem foi direcionada, então era aquele. Talvez se tenha distinguido, mas também possa ser alguém que foi considerado pelos que lhe estavam muito próximos, sem reflexos mais amplos. Para esta distinção, é inegável que alguma relevância teria, senão mesmo muita.

Quem executou?

Num contexto em que não era comum a realização, materialização de imagens, ao contrário do que tinha acontecido na Idade do Bronze (armas em relevo) neste território (entre o actual Baixo Alentejo e Algarve), seria alguém com aptidão, podendo ter alguns contactos com o exterior/ conhecimentos, evidenciados numa perspectiva de concepção pensada numa vertente artística. Ou será alguém que acaba por se lembrar de fazer um desenho, infantil, naif, sem grandes preocupações?

Será que concebeu arte e atendeu a uma ordenação?

ANÁLISE CRÍTICA:

Numa perspectiva de descoberta da possibilidade da existência de um projecto para a concepção da estela

Enquadramento

Será que existiu uma noção de estruturar a distribuição da composição como um conjunto, através de uma planificação?

Baseando-me na dissertação de Arheim, análise do “poder do centro”, tento avaliar centricidade do guerreiro.

O homem desde a sua existência recorre à marcação de momentos e realizações através de representações de influência na sua experiência de observação e percepção cósmica e geométrica, interiorizada, e depois exteriorizada, nomeadamente pela arte.

Existe uma noção de espaço e a sua dimensão, comprimento e largura, para medir superfícies e a altura para os desníveis, inerente à fisiologia humana está a noção de equilíbrio e que se reflecte na intelectualidade do indivíduo que assume os conceitos de geometria, como algo elementar e presente. Acresce uma noção empírica da gravitação, associada ao peso. Desde a evolução para um estado de erecção toma consciência dos contornos da verticalidade.

Usa naturalmente e frequentemente a faculdade da aplicação da simetria bilateral, para obter resultados nas suas realizações e construções.

Existe inerente ao homem uma busca pela qualidade, que se pode considerar arte, nas concretizações do homem, nomeadamente na concepção arquitectónica e na sua materialização, através de uma disciplina, que podemos apelidar de regras, recorrendo a planificações mais ou menos elaboradas, mais ou menos estruturadas. Neste processo, surge uma noção de escala, que contempla a relação dos objectos com o espaço que lhe é inerente.

O objectivo estético é requerido desde os primórdios. No caso das estelas epigrafadas, este pressuposto é marcadamente presente. Se verificarmos, a grande maioria dos que com elas contactava não sabia ler as mensagens,

mas impressionava-os pela composição. Assim, alia-se a solidez e a funcionalidade à beleza.

O homem ao querer dar forma a algo está a praticar arte, através de princípios visuais. Assim, procura organizar a forma e o espaço, recorrendo aos vários modelos visuais. A centricidade e excentricidade são muitas vezes tidas em conta.

Surge uma procura do centro de equilíbrio no meio do campo de percepção, atingido as proporções adequadas, para que o resultado preconize uma satisfação individual e para os observadores.

Existe uma associação às formas, e uma procura de aplicar cargas simbólicas nas materializações, mediante uma estruturação psicológica, que são detectáveis ao longo dos tempos.

Estela

O Guerreiro está localizado no meio da estela, mas terá alguma centralidade planeada?

A estrutura é céntrica, com o guerreiro a ocupar o centro principal e rodeado por uma cartela com texto da escrita do sudoeste (“em plano secundário” ou complementar) disposta simetricamente. É conseguido o pressuposto de criação de uma obra harmoniosa, através de um todo amplo.

Estamos perante um centro puramente geométrico, mas também implícito, ao olharmos verificamos essa constatação. Mas se averiguarmos melhor, será que existem outros centros?

Já avaliaremos, mais à frente, essa questão pormenorizadamente. Analisemos outras constatações:

O desenho foi feito para expor na vertical, pois obedece a um eixo claramente vertical (existe um ponto picado na cartela superior e outro mais ligeiro em baixo que, tudo indica, marcam esse eixo), verificável pela simetria

conseguida, propiciando uma observação privilegiada, mais directa e natural, tendo uma perspectiva de frente, como se tratasse de uma escultura, aplicada numa superfície plana. Aqui a linha de visão seria beneficiada se a composição fosse apreciada perpendicularmente, no entanto existia um factor concreto que neste caso não o permitia, pois ao enterrar a estela, devido à sua dimensão a visão observava na oblíqua, o que na prática podia causar alguma distorção. Este factor não foi valorizado na execução, restringindo-se à elaboração da estela no espaço disponível. (Fig. 1 e 3)

O lado esquerdo sendo o que normalmente se constitui como “mais pesado”, atraindo o olhar do observador, que é levado a ter o canto inferior esquerdo como o início da composição. O autor da estela pelo contrário pretendia mais atenção para o lado direito, por onde começa a inscrição. A estratégia de puxar a atenção para o texto é conseguida pela horizontalidade que os pés conseguem, estando virados para aí, ao nível do princípio do texto (primeiro signo). Os joelhos também direcionam para este lado, ligeiramente dobrados, como ainda o maior volume de objectos nessa mão. (Fig. 2 e 3)

O guerreiro está clara e unicamente valorizado ao não ser introduzido mais nenhum elemento no interior do “quadrado”, constituído pelos limites da moldura da cartela. Por indução é criado um centro no meio do espaço delimitado, logo é um foco aglutinador de atenção que organiza o espaço em redor. Assim, este sistema fechado é assumido como um todo, integrado num contexto. Esta centralidade, na altura, podia não passar de um adorno, ou complemento. Seria?

A forma é claramente céntrica, sendo conseguido o equilíbrio através de “linhas paralelas” (coordenadas), patenteado também simetria frontal, que lhe proporciona um aspecto de estátua, adequado a um monumento consagrado, estático, digno, tranquilo na sua quietude intemporal. Esta posição central, em muitas culturas e ao longo dos tempos está associada à transmissão do divino, do chefe, do monarca.

Os braços levantados apontam para alguma força para a suspensão. No campo do dinamismo a centralidade da composição foi alvo de vector excêntrico, correspondendo a um movimento de ascensão, negando a lei da gravidade, que o empurra para cima.

Os membros superiores são simétricos, contribuindo para o equilíbrio, tal como toda organização da estrutura da composição, apoiado no recurso a formas geométricas. A vertical central passa pelo meio da cabeça, do cruzamento de linhas do corpo, e da cintura até aos pés. A perna direita mais avançada e os pés (marcação do calcanhar por linha diagonal) para o lado direito dão alguma sensação de movimento. (Fig. 2 e 4)

Os outros centros comuns a vários períodos e diversas culturas, quando a representação é humana, são a cabeça e o umbigo. O artista estrutura uma relação entre estes dois centros, importantes, na projecção do corpo humano. Pois

bem, no caso do Guerreiro a cabeça e a cintura têm a mesma altura/ diâmetro. Quando olhamos para a figura estilizada, realça-nos a cintura ser tão estreita e a cabeça ser redonda. Pode mesmo ter sido intencional, atrair a atenção para estes centros principais. Porquê? (Fig 1 e 4)

Porque a cabeça representa a intelectualidade, o pensamento, a importância da individualidade, a sua experiência espiritual. O umbigo, porque é a origem, a criação. Por vezes este centro transfere-se para a zona pública, correspondendo à virilidade ou fecundidade.

A forma circular relaciona-se com a percepção do divino, entra no domínio do soberano, e induz no movimento, que neste caso pode ter a ver com a ascensão.

O carácter simbólico sempre esteve presente nas representações, neste caso as evidências sucedem-se, até mesmo os objectos usados na mão direita podem ter esse carácter.

Recentemente foi encontrada uma ponta de seta nesta necrópole, será desde guerreiro, cuja representação faz alusão, claro está, aqui é pura especulação, estamos no campo do hipotético puro. No entanto, na análise da composição, existem evidências irrefutáveis, como a existência de um eixo central vertical, com simetrias e equilíbrios, simbolismo certamente e acima de tudo um projecto, que implicou um planeamento desde a escolha e recolha da pedra de suporte, ao trabalho de cantaria e gravação. (Fig. 1 e 2)

Num projecto bem elaborado, apenas não percebo o porquê da linha exterior à cartela. Será que foi deixado mais espaço do lado esquerdo para a fazer, embora a diferença de espaço é mínima em relação à margem do lado oposto, no entanto, é notório que a cartela do lado esquerdo estreita um pouco... Terá sido um erro de projecto, gerado por um acréscimo de texto de última hora? Ou uma secundarização do texto, procurando apenas a cartela a moldura para o guerreiro, não problematizando o facto de existir mais uma linha exterior? Talvez esta última suposição possa ser a mais lógica.

Outras hipóteses se podiam colocar, como: acréscimo posterior para sepultar ao lado um ente querido, ou então um reaproveitamento. Mas para o Professor Amílcar Guerra, especialista na matéria, por mim consultado, não acredita nestas possibilidades, em consequência do estudo da ordem e estrutura do texto.

No entanto, convém referir, mais um pormenor, que nesta estela a sequência que se repete noutras epígrafes, referenciada anteriormente, aqui aparece separada na cartela, encontra-se no canto superior direito *narkeentii* (versão menos comum), e só na segunda linha aparece *baare*. Isto é, aparece separado e não na sequência habitual. Na apreciação do Professor Amílcar Guerra apenas podemos concluir objectivamente que são duas palavras e independentes, não havendo lugar a outras conjecturas, pois cinge-se a uma excepção.

CONCLUSÃO

O espaço obedeceu claramente a uma distribuição pensada, onde a maneira de o ocupar transmite-nos ritualização pela introdução de elementos do sagrado ou apenas recorrendo a uma tradição, de natureza mais técnica, onde foram aplicados arquétipos, existido motivações simbólicas, em que o intuitivo e os modelos culturais estão marcadamente presentes. O modelo adoptado parece-me conjugar estes factores.

Tudo foi traçado a partir de um centro principal, geométrico, e tudo aponta para outros centros simbólicos.

Para além das formas geométricas do corpo e a sua simbologia, verificamos que as coordenadas geraram sequências de medições equitativas para a elaboração do desenho, o que reforça e complementa a confirmação da existência de um projecto.

Face à importância da estela, num misto de singularidade e beleza faz todo o sentido ser classificada como Tesouro Nacional, classificação atribuída a bens móveis de grande relevância a nível patrimonial, como é o caso deste monumento.

BIBLIOGRAFIA

Arnheim, Rudolf, *O Poder do Centro*, edições 70, 1990

Choay, Françoise, *A Alegoria do Património, Arte & Comunicação*, edições 70,

Maciel, M. Justino, *Vitrúvio Tratado de Arquitectura*, tradução do Latim, IST Press, 2009



Figura 1 – Eixo vertical, centricidade



Fig. 2- Diagonais para esquemáticas – definição (mãos, pés...)



Fig. 3 - Marcação dos pontos do eixo vertical (picotado)

(a estela tem 51cm de largura e picotado/ marcação está nos 25,5 de largura)



Fig. 4 - Medidas das formas geométricas/ "Guerreiro"

À descoberta da Estela do Guerreiro

O estudo apresentado corresponde a uma avaliação sobre o desenho da estela da Abóboda I, conhecida como estela do Guerreiro. Pretendo fazer uma análise sobre o centro geométrico, outros possíveis centros e o seu carácter simbólico, bem como a distribuição no espaço de toda a composição.

Rui Cortes

rui.cortes@cm-almodovar.pt

O Guerreiro está localizado no meio da estela, mas terá alguma centralidade planeada?

A estrutura é céntrica, com o guerreiro a ocupar o centro principal e rodeado por uma cartela com texto da escrita do sudeste ("em plano secundário "ou complementar) disposta simetricamente. É conseguido o pressuposto de criação de uma obra harmoniosa, através de um todo amplo. Estamos perante um centro puramente geométrico, mas também implícito, ao olharmos verificamos essa constatação. Se averiguarmos melhor, será que existem outros centros?

Já avaliaremos, mais à frente, essa questão pormenorizadamente. Analisemos outras constatações:

O desenho foi feito para expor na vertical, pois obedece a um eixo claramente vertical (existe um ponto picado na cartela superior e outro mais ligeiro em baixo)

Foto 3 que, tudo indica, marcam esse eixo, verificável pela simetria conseguida, propiciando uma observação privilegiada, mais directa e natural, tendo uma perspectiva de frente, como se se tratasse de uma escultura, aplicada numa superfície plana. Aqui, a linha de visão seria beneficiada se a composição fosse apreciada perpendicularmente, no entanto, existia um factor concreto que neste caso não o permitia, pois ao enterrar a estela, devido à sua dimensão a observação verifica-se na oblíqua, o que na prática podia causar alguma distorção.

Este factor não foi valorizado na execução, restringindo-se à elaboração da estela no espaço disponível.

O lado esquerdo, sendo o que normalmente se constitui como "mais pesado", atraindo o olhar do observador, que é levado a ter o canto inferior esquerdo como o início da composição. O autor da estela pelo contrário pretendia mais atenção para o lado direito, por onde começa a inscrição, que por uma questão técnica se escrevia da direita para a esquerda. A estratégia de despertar a atenção para o texto é conseguida pela horizontalidade que os pés conseguem, estando virados para aí, no nível do princípio do texto (primeiro signo). Os joelhos também direcionam para este lado, ligeiramente dobrados, como ainda o maior volume de objectos nessa mão. Foto 1 e 2.

O guerreiro está clara, e unicamente valorizado, ao não ser introduzido mais nenhum elemento no interior do "quadrado", constituído pelos limites da moldura da cartela. Por indução é criado um centro no meio do espaço delimitado, logo é um foco aglutinador de atenção que organiza o espaço em redor. Assim, este sistema fechado é assumido como um todo, integrado num contexto. Esta centralidade, na altura, podia não passar de um adorno ou complemento. Seria?

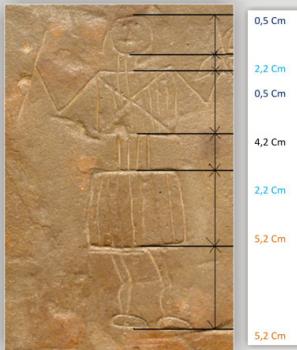
A forma é céntrica, sendo conseguido o equilíbrio através de "linhas paralelas" (coordenadas), patente também simetria frontal, que lhe proporciona um aspecto de estátua, adequado a um monumento consagrado, estático, digno, tranquilo na sua quietude intemporal. Esta posição central, em muitas culturas e ao longo dos tempos está associada à transmissão do divino, do chefe, do monarca.

Os braços levantados apontam para alguma força, para a suspensão. No campo do dinamismo a centralidade da composição foi alvo de vector exêntrico, correspondendo a um movimento de ascensão, negando a lei da gravidade, que o empurra para cima.

Os membros superiores são simétricos, contribuindo para o equilíbrio, tal como toda organização da estrutura da composição, apoiado no recurso a formas geométricas. A vertical central passa pelo meio da cabeça, do cruzamento de linhas do corpo, e da cintura até aos pés. A perna direita mais avançada e os pés (marcação do calcanhar por linha diagonal) para o lado direito dão alguma sensação de movimento. Foto 1



Fotografia 1



Fotografia 2

- A forma circular relaciona-se com a percepção do divino, entra no domínio do soberano, e induz no movimento, que neste caso pode ter a ver com a ascensão.

O carácter simbólico sempre esteve presente nas representações, neste caso as evidências sucedem-se, até mesmo os objectos usados na mão direita podem ter esse carácter.

Recentemente foi encontrada uma ponta de seta nesta necrópole, será desde guerreiro, cuja representação faz alusão, claro está, aqui é pura especulação estamos no campo do hipotético puro. No entanto, na análise da composição, existem evidências irrefutáveis, como a existência de um eixo central vertical (aplicado em figuras estáticas), com simetrias e equilíbrios, simbolismo, e acima de tudo um projecto, que implicou um planeamento desde a escolha e recolha da pedra de suporte, ao trabalho de cantaria e gravação.

- A forma circular relaciona-se com a percepção do divino, entra no domínio do soberano, e induz no movimento, que neste caso pode ter a ver com a ascensão.

O carácter simbólico sempre esteve presente nas representações, neste caso as evidências sucedem-se, até mesmo os objectos usados na mão direita podem ter esse carácter.

Recentemente foi encontrada uma ponta de seta nesta necrópole, será desde guerreiro, cuja representação faz alusão, claro está, aqui é pura especulação estamos no campo do hipotético puro. No entanto, na análise da composição, existem evidências irrefutáveis, como a existência de um eixo central vertical

(Aplicado em figuras estáticas), com simetrias e equilíbrios, simbolismo, e acima de tudo um projecto, que implicou um planeamento desde a escolha e recolha da pedra de suporte, ao trabalho de cantaria e gravação.

Num projecto bem elaborado, apenas não percebo o porquê da linha com texto exterior à cartela. Será que foi deixado mais espaço do lado esquerdo para a fazer, embora a diferença de espaço é mínimo em relação à margem do lado oposto, no entanto, é notório que a cartela do lado esquerdo estreita um pouco... Terá sido um erro de projecto, gerado por um acréscimo de texto de última hora? Ou uma secundarização do texto, procurando a cartela apenas a moldura para o desenho guerreiro, não problematizando o facto de existir mais uma linha exterior?

Outras hipóteses se podiam colocar, como: Acréscimo posterior para sepultar ao lado um "ente querido" ou então um reaproveitamento.

Para o Professor Amílcar Guerra, especialista na matéria, por mim consultado, não acredita nessas possibilidades, em consequência do estudo da ordem e estrutura do texto, apontando para uma planificação no projecto de gravação.

Convém referir, mais um pormenor, que nesta estela a sequência que se repete noutras epígrafes aqui aparece separada na cartela, encontra-se no canto superior direito narkeentil (versão menos comum), e só na segunda linha aparece baare. Isto é, aparece separado e não na sequência habitual. Na apreciação do Professor Amílcar Guerra apenas podemos concluir, objectivamente, que são duas palavras independentes, não havendo lugar a outras conjecturas, pois cinge-se a uma excepção.

Conclusão

O espaço obedeceu claramente a uma distribuição pensada, onde a maneira de o ocupar transmite-nos ritualização pela introdução de elementos do sagrado ou apenas recorrendo a uma tradição de natureza mais técnica, onde foram aplicados arquétipos, existindo motivações simbólicas, em que o intuitivo e os modelos culturais estão marcadamente presentes. O modelo adoptado parece-me conjugar estes factores. Tudo foi traçado a partir de um centro principal, geométrico, e tudo aponta para outros centros simbólicos.

Para além das formas geométricas do corpo e a sua simbologia, verificamos que as coordenadas geraram sequências de medições equitativas para a elaboração do desenho, o que reforça e complementa a confirmação da existência de um projecto.

Face à importância da estela, num misto de singularidade e beleza faz todo o sentido ser classificada como Tesouro Nacional, classificação atribuída a bens móveis de grande relevância a nível patrimonial, como é o caso deste monumento.



Fotografia 3



Fotografia 4



Fotografia 5

Bibliografia

Amheim, Rudolf. O Poder do Centro, edições 70, 1990 - Choy, Francóise, A Alegoria do Património, Arte & Comunicação edições 70

Marcel, M. Justino - Vitrúvio tratado de Arquitectura, tradução do Latim, IST Press, 2009

Design / Cristiano Duarte

Agradecimentos:
Professor Amílcar Guerra
Cristiano Duarte

